

EXPECTATIVAS DO MERCADO

O Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos registrou alta de 1,2% no 1º trimestre de 2017 sobre o trimestre anterior. Esse crescimento foi puxado pela expansão de 0,6% dos gastos de consumo, que representam mais de 2/3 da atividade econômica daquele país. Em 2016, a economia americana havia crescido 1,6%, e, para 2017, o Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta crescimento de 2,3%.

Já o PIB da Zona do Euro (ZE) aumentou 0,5% no 1º trimestre de 2017, segundo dados divulgados pelo Instituto Europeu de Estatística (Eurostat). Na comparação com igual período de 2016, a alta foi bem maior, de 1,7%. Segundo projeções do FMI, o PIB da região deverá crescer 1,7% em 2017.

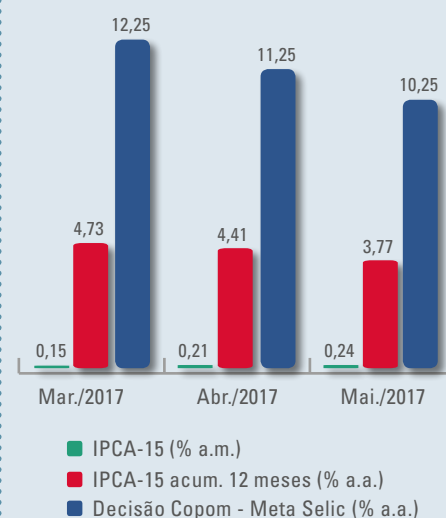
A economia da China, segunda maior do planeta, cresceu 6,9% no 1º trimestre de 2017, com os investimentos em ativos fixos subindo 9,2%. Em 2016, o PIB chinês havia crescido 6,7%, o ritmo mais lento dos últimos 25 anos. Em março de 2017, em termos anuais, a produção industrial chinesa cresceu 7,6%, e as vendas no varejo, 10,9%. O governo chinês estima alta de 6,5% para o PIB em 2017.

Segundo o Boletim Focus, de 9 de junho de 2017, a mediana das expectativas de agentes do mercado financeiro é de alta de apenas 0,4% para o PIB em 2017, com a inflação (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA) devendo fechar 2017 em 3,71% a.a., abaixo do centro da meta (4,5% a.a.).

No Brasil, o PIB cresceu 1% no 1º trimestre deste ano em relação aos três últimos meses de 2016, após oito trimestres consecutivos de queda. Essa alta foi puxada pela agropecuária, que registrou o melhor resultado dos últimos 20 anos (+13,4%). Isto, porém, pode não significar necessariamente uma retomada do crescimento econômico. Inclusive, pela ótica da demanda agregada, o consumo das famílias ficou praticamente estável (-0,1%) e a formação bruta de capital fixo (proxy dos investimentos) computou queda de 1,6%. Além disso, na comparação com igual período do ano passado, houve retração de 0,4% no PIB, e a taxa de desemprego ainda se encontra em patamar elevado (13,6% no trimestre encerrado em abril/2017).

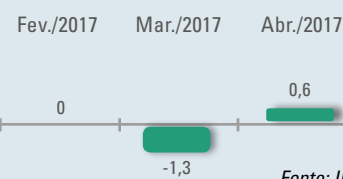
O Comitê de Política Monetária do Banco Central do Brasil (Copom/BCB), em sua última reunião, reduziu a taxa básica de juros (Selic) em 1 ponto percentual (p.p.), para 10,25% ao ano (a.a.), e sinalizou “redução moderada do ritmo de flexibilização monetária”, considerando, entre outros fatores, o “aumento da incerteza sobre a velocidade do processo de reformas e ajustes na economia”.

IPCA-15 X TAXA SELIC



Fonte: IBGE e BCB

PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL
(mês contra mês anterior – em %)



Fonte: IBGE

EXPECTATIVAS DO MERCADO

| | UNIDADE DE MEDIDA | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 |
|----------------|--------------------|------|------|------|------|------|
| PIB | % a.a. | 0,4 | 2,3 | 2,5 | 2,5 | 2,5 |
| IPCA | % a.a. | 3,71 | 4,37 | 4,25 | 4,25 | 4,25 |
| TAXA SELIC | % a.a. (em dez.) | 8,5 | 8,5 | 8,5 | 8,5 | 8,5 |
| TAXA DE CÂMBIO | R\$/US\$ (em dez.) | 3,30 | 3,40 | 3,48 | 3,50 | 3,60 |

Fonte: Banco Central do Brasil – Boletim Focus (09/06/2017)

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- As micro e pequenas empresas nas exportações brasileiras 1998-2015 - Brasil;
- Pesquisa GEM 2016.

Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

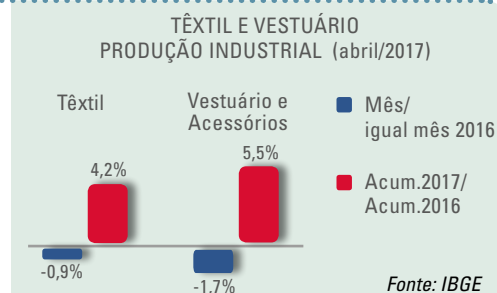
NOTÍCIAS SETORIAIS

COMÉRCIO
VAREJISTA

O comércio varejista registrou crescimento de 1% no volume de vendas e de 1,3% na receita nominal, em abril de 2017, sobre o mês anterior, após ajuste sazonal. Porém, nos quatro primeiros meses deste ano, o volume das vendas acumulou retração de 1,6%, enquanto a receita nominal contabilizou alta de 1,5%. As maiores quedas no acumulado do volume de vendas neste ano foram observadas nas atividades de móveis (-19,3%) e equipamentos e materiais de escritório, informática e comunicação (-7,7%). O comércio varejista continua a sofrer os reflexos da crise econômica e não há perspectiva de reversão desse quadro nos próximos meses.

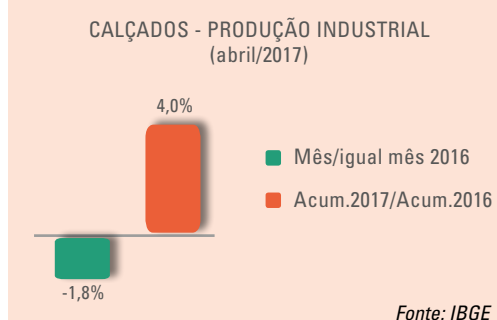
TÊXTIL E
VESTUÁRIO

Em abril de 2017, a fabricação de produtos têxteis registrou queda de 0,9% sobre igual mês do ano passado, enquanto a confecção de artigos do vestuário e acessórios caiu 1,7% no mesmo comparativo. Já no acumulado do ano até abril, esses segmentos registraram alta na produção de 4,2% e 5,5%, respectivamente. A perspectiva é de aumento maior da produção dessas indústrias a partir do segundo semestre do ano, com a provável estabilização da economia e retomada do emprego.



CALÇADOS

A produção brasileira de calçados declinou 1,8% em abril de 2017 ante o mesmo mês de 2016, mas acumulou alta de 4% nos quatro primeiros meses de 2017. Nos últimos 12 meses, registrou crescimento de 2,3%. A balança comercial do setor, por sua vez, apresentou *superavit* de US\$ 215,2 milhões no primeiro quadrimestre deste ano, 22,6% acima do saldo registrado no mesmo período de 2016. Os Estados Unidos foram os que mais pagaram, em dólares, pelos calçados brasileiros nos primeiros quatro meses deste ano (19% do valor total exportado), mas foi o Paraguai que mais comprou pares de calçados brasileiros (11,5% do total).



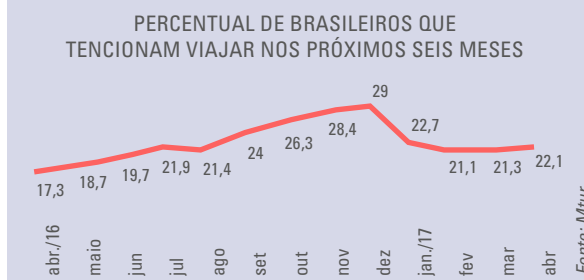
MÓVEIS

A fabricação de móveis registrou queda de 10,3% em abril de 2017 sobre igual mês do ano passado e acumulou retração de 7% nos quatro primeiros meses de 2017, e de 7,8% nos últimos 12 meses encerrados em abril deste ano. Já a balança comercial do setor registrou *superavit* de US\$ 15,9 milhões no primeiro quadrimestre de 2017. Trata-se de mais um setor prejudicado pela crise econômica e que vem apresentando dificuldades de recuperação no mercado interno.



TURISMO

Segundo a Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, de abril de 2017, divulgada pelo Ministério do Turismo (MTur), o percentual de brasileiros que demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses subiu para 22,1% (em abril de 2016, este percentual era de 17,3%, e, em março de 2017, de 21,3%). Destes, 70,7% preferem destinos turísticos nacionais e mais da metade (52,1%) pretende ficar em hotéis e pousadas. A região Nordeste continua sendo a preferida por 48,1% desse público, seguida pela região Sudeste (19,7%).



RETRATOS DO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

MARCO AURÉLIO BEDÊ

*Doutor em Economia pela USP e
analista da UGE do Sebrae NA*

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) acaba de divulgar o último relatório da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM), realizada no Brasil. O GEM é a principal pesquisa sobre empreendedorismo realizada no mundo. Desde 1999, mais de 100 países já participaram da pesquisa. O relatório ora divulgado apresenta os resultados de 2016, ano em que participaram da pesquisa 65 países, cobrindo 70% da população global e 83% do produto mundial. Entre os 65 países pesquisados, o Brasil encontra-se na 10ª colocação em termos de empreendedores iniciais (TEA), estando à frente de países como Argentina (16ª posição), Índia (31ª colocação), México (36º lugar), África do Sul (52ª posição) e Rússia (56º lugar). No ano anterior, encontrava-se na 12ª posição, em uma lista de 60 países.

“(...) pode-se dizer que os mais jovens e com menos renda são os que melhor representam aqueles que estão na ‘porta de entrada’ do empreendedorismo.”

Entre os principais resultados, destaca-se a ligeira queda da taxa total de empreendedorismo (empreendedores iniciais + empreendedores estabelecidos), que passou de 39% (em 2015) para 36% da população adulta (em 2016). Em parte, isto se deve ao fato de o ano anterior ter atingido

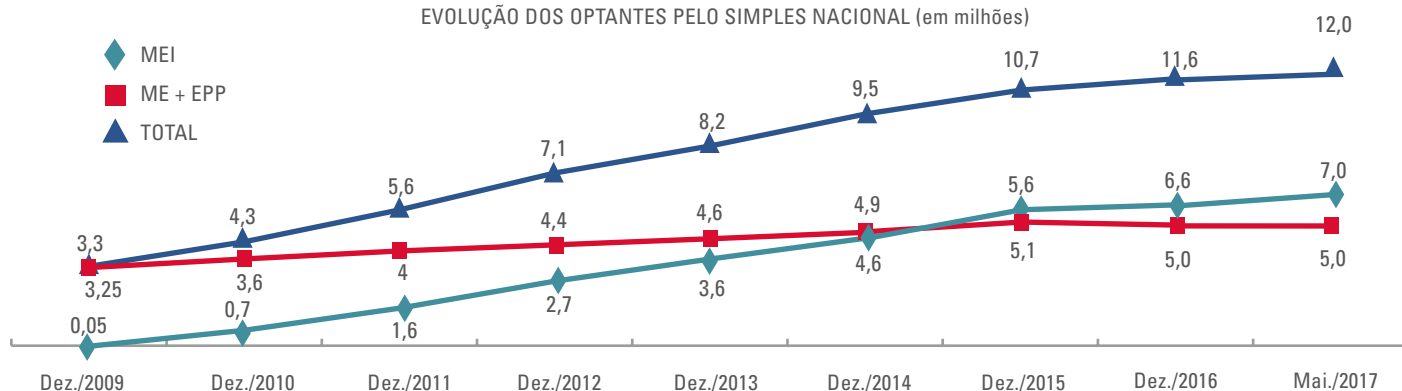
a taxa recorde da série histórica, podendo esse movimento ter chegado ao seu limite. Porém, pode também ser um reflexo da crise, uma vez que a queda foi puxada pelos empreendedores estabelecidos (com mais de 3,5 anos). A notícia boa é que aumentou a proporção de negócios abertos “por oportunidade”, em especial no grupo dos que ainda estão levantando informações para a abertura do negócio, após forte aumento da “necessidade” no ano anterior.

A pesquisa mostrou também que, no grupo dos empreendedores iniciais (com até 3,5 anos), são mais ativos os indivíduos que possuem até 34 anos, com até três salários mínimos e escolaridade até o segundo grau completo. Assim, pode-se dizer que os mais jovens e com menos renda são os que melhor representam aqueles que estão na “porta de entrada” do empreendedorismo. O setor de serviços continua sendo predominante, mas caiu um pouco o entusiasmo da sociedade com o tema empreendedorismo e aumentou a proporção dos que temem abrir um novo negócio.

Finalmente, nas entrevistas realizadas com 93 especialistas em empreendedorismo, foram destacadas como características positivas, no Brasil, a capacidade empreendedora do brasileiro e o mercado potencial do país, ainda com amplas oportunidades e nichos a serem explorados. Para eles, as políticas governamentais vêm melhorando, mas podem melhorar ainda mais, em especial no que tange à necessidade de simplificação da complexa legislação brasileira (tributária, trabalhista etc.). O estudo completo pode ser acessado clicando-se [aqui](#).

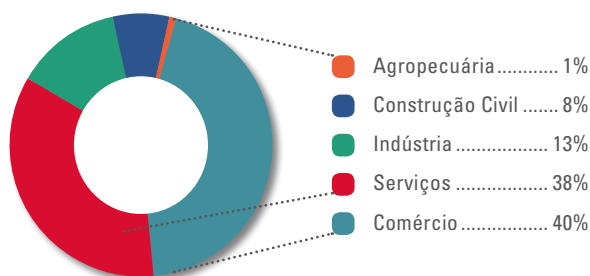
PEQUENOS NEGÓCIOS NO BRASIL

EVOLUÇÃO DOS OPTANTES PELO SIMPLES NACIONAL (em milhões)

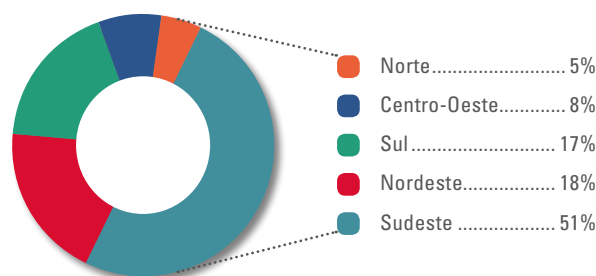


Fonte: Receita Federal do Brasil (RFB)

CONCENTRAÇÃO POR SETOR



CONCENTRAÇÃO POR REGIÃO



Fonte: Secretaria da Receita Federal – Jun./2017

ESTATÍSTICAS DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

| PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO(A): | ANO | PARTICIPAÇÃO (%) | FONTE |
|--|------|------------------|---------------|
| PIB brasileiro | 2011 | 27,0 | SEBRAE/FGV |
| Número de empresas exportadoras | 2015 | 61 | FUNCEX |
| Valor das exportações | 2015 | 1 | FUNCEX |
| Massa de salários das empresas | 2015 | 44,1 | RAIS |
| Total de empregos com carteira | 2015 | 54 | RAIS |
| Total de empresas privadas | 2015 | 98,5 | SEBRAE |
| OUTROS DADOS SOBRE OS PEQUENOS NEGÓCIOS | ANO | TOTAL | FONTE |
| Quantidade de produtores rurais | 2015 | 4,7 milhões | PNAD CONTÍNUA |
| Potenciais empresários com negócio | 2015 | 11,6 milhões | PNAD CONTÍNUA |
| Empregados com carteira assinada | 2015 | 17,1 milhões | RAIS |
| Remuneração média real nas MPE | 2015 | R\$ 1.680,05 | RAIS |
| Massa de salário real dos empregados nas MPE | 2015 | R\$ 28,4 bilhões | RAIS |
| Número de empresas exportadoras | 2015 | 12,1 mil | FUNCEX |
| Valor total das exportações (US\$ bi FOB) | 2015 | US\$ 2 bilhões | FUNCEX |
| Valor médio exportado (US\$ mil FOB) | 2015 | US\$ 162,4 mil | FUNCEX |

 Obs.: 1. **Microempreendedor Individual (MEI)**: receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

 2. **Microempresa (ME)**: receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

 3. **Empresa de Pequeno Porte (EPP)**: receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.